

FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO PELA ESCRITA CRIATIVA

Patricia Correa Junqueira¹
Huélinton Cassiano Riva (orientador)²

Comunicação Oral – Didática, Práticas de Ensino e Estágio

Resumo:

O presente artigo tem o intuito de auxiliar na discussão acerca das responsabilidades da escola no contexto tecnológico atual e sobre a importância do uso das novas tecnologias em sala de aula. São presentes no cotidiano do âmbito escolar questionamentos quanto às formas de se combater o desinteresse dos alunos quanto as disciplinas ministradas, ou mesmo, quanto a dificuldade de escrita, leitura e interpretação. Ainda se observa um distanciamento considerável dentre os objetivos do trabalho docente, em geral, e as aspirações do público discente. Aqui propomos o uso dos aparatos tecnológicos como aliados em sala de aula e, sobretudo, da escrita criativa como um dos caminhos a serem percorridos para isso. Esta última é uma forma de integrar aquilo que é produzido normalmente em sala de aula com o mundo virtual. Contudo, a criatividade é algo inerente ao ser humano, independentemente dos recursos materiais utilizados, e por isso sua funcionalidade no processo de ensino-aprendizagem deve ser estimulada e preservada em qualquer ação metodológica que se proponha. Escrever não pode ser visto como uma ação alienada às práticas sociais, nem ao contexto individual de cada aluno. Uma aprendizagem significativa só é atingida quando está intrinsecamente ligada à motivação, às aspirações e às expectativas que cada indivíduo tem refletido em suas vidas a partir das suas vivências sociais, sejam elas reais ou virtuais. A escrita criativa é um dos variados recursos metodológicos que pode ser utilizado em sala de aula como uma das propulsoras da aprendizagem. Um dos aspectos mais relevantes nessa metodologia é o trabalho com a leitura, a interpretação e a escrita, o que a torna multidisciplinar à medida que essas habilidades são requerimentos básicos em qualquer disciplina que se ministre. A proposta desse estudo, então, está em observar e analisar o contexto escolar enquanto formador dessas habilidades, procurando nomear as principais dificuldades de professores e alunos no que tange ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Tecnologias, Educação, Leitura, Aprendizagem, Escrita Criativa.

¹ Mestranda, aluna do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia – MIELT, Universidade Estadual de Goiás - Anápolis (GO) e bolsista pelo programa da Fapeg (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás). patriciahistoriadora@hotmail.com

² Professor Doutor do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia, Universidade Estadual de Goiás - Anápolis (GO). huelinton@yahoo.com.br

1. Introdução

A tecnologia e suas múltiplas funcionalidades se inseriram no contexto escolar de maneira tão veloz que transformaram o computador em uma ferramenta mais do que necessária para a grande maioria da população, seja para o uso em questões profissionais seja como forma de entretenimento. Veen & Wraiking (2009) citam a questão da definição dos novos tempos como a era digital e tratam das dificuldades referentes aos métodos de ensino dentro das escolas no cenário atual. O grupo discente é, na maioria dos casos, formado por um público jovem, dinâmico, conectado com as inovações tecnológicas, por outro lado, grande parte das escolas não utiliza este dado como um aliado, mas como um “inimigo” da aprendizagem.

Os jovens têm dispensado cada vez mais horas com os aparatos tecnológicos (celulares, computador, jogos eletrônicos, televisão...) e a escola não tem acompanhado essas mudanças. O ato de ir a escola tem sido encarado, pelos alunos, muito mais como busca de um espaço de interação real com os seus colegas do que como um lugar de construção do conhecimento a partir do que é exposto nas disciplinas. Quando retornam às suas casas, o espaço de interação se expande, fazendo uso da Internet como local da interação e, dessa forma, continuam se comunicando por meio das mais diversas mídias eletrônicas, sobretudo por meio da modalidade escrita da língua. Vários assuntos são tratados nestes diálogos, inclusive temas mencionados em sala de aula por algum professor. A diferença fica por conta da abertura que os alunos têm entre si para discutir quaisquer assuntos, sem a mediação do professor, em geral, sobrecarregado com inúmeras outras funções e sem tempo para interação com os alunos por meio da Internet.

Ainda citando Veen & Wraiking (op. cit.), a tendência hoje, tanto dos pais quanto das escolas, é cobrar do aluno um comportamento segundo as suas perspectivas, valores e normas. Isso é comum a todas as gerações. O fato inusitado dessa geração é que os filhos estão ensinando os pais a lidar com as novas tecnologias, promovendo, dessa maneira, uma “educação invertida”. Esse, certamente, é um dos motivos de tanto estranhamento quanto ao “Homo Zappiens” e todas as duas características agregadas.

Neste contexto, a escola encontra o desafio do ensino da leitura e da escrita, de forma a atender as expectativas que se espera da mesma e, ao mesmo tempo, atender às necessidades do próprio aluno. A leitura como simples “decifração de símbolos” não denota a qualidade da interpretação e, muito menos, da escrita criativa. As regras da ortografia são necessárias e essenciais dentro do processo de aquisição da linguagem, entretanto, as mesmas devem ser

adquiridas por meio de um ensino que demonstre a sua importância seja na vida escolar (acadêmica) ou na vida cotidiana (numa conversa informal ou numa troca de e-mails, por exemplo). Dessa forma, é preciso levar em conta a criatividade do aluno no aprendizado de uma língua, de modo tal que ele aprenda a norma e crie maneira de burlá-la:

E tão necessário libertar-se de tudo que aprisiona o imaginário como fundamental conhecer muito bem as regras para poder burlá-las. Alguns autores consagrados, como Fernando Pessoa e o romancista José Saramago, tornaram-se camaleões da língua portuguesa exatamente por conhecê-la tão profundamente. (NIZO, p.37, 2008)

2. A era digital e suas possibilidades

As mídias e as novas tecnologias marcam acentuadamente as atuais abordagens de ensino-aprendizagem e por isso, segundo Silva (2011), essa tem se tornado uma das principais preocupações de professores e pesquisadores nas Universidades e Escolas. Este cenário proporcionou a ampliação do acesso ao conhecimento a partir da democratização das fontes do saber.

A expansão dessas redes está ligada às conquistas da Revolução Tecnológica. Costa (2002) faz ainda, uma alusão de que em 1850 foram instalados os primeiros cabos submarinos de transmissão por telégrafo ligando a Inglaterra à Irlanda e, apenas quinze anos depois, já poderia haver comunicação pela mesma via, ligando a Inglaterra à Índia. Com a intensificação da troca de notícias, surgem também as agências especializadas na captação e transmissão de informação através de longas distâncias.

Com essas inovações, a comunicação foi abandonando a hegemonia do texto escrito para incorporar de forma significativa a imagem e o som, tendência que se consagra. No século XX o centro de decisão política deslocou-se da Europa para os Estados Unidos. A Europa se internacionalizou, dando origem a dois impérios antagônicos (norte-americano e soviético), a descolonização da África e da Ásia, as duas guerras mundiais, tudo isso inaugura oficialmente a globalização. “A partir de então a unidade pela qual o homem pensa a sua realidade é o mundo.” (COSTA, 2002, p.57).

Há uma ruptura nos limites da cultura. Os contos, os jornais, os folhetins etc. representam um imenso e longo “experimento cultural”, ou, segundo a autora, mais propriamente civilizatório.

Os heróis se desprendem das páginas impressas e passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, marcando cada vez mais o processo de intimidade do leitor com a ficção. Para além da produção escrita, aparece a fotografia que, por seu realismo, provocam uma sensação de presença imediata com o vislumbre da imagem. O cinema veio transpor esse iluminismo em ação. Como ficção, o cinema passou a moldar o imaginário das plateias, contribuindo para a disseminação de uma cultura não eurocentrada. As críticas diziam que o cinema tinha como objetivo apenas o lucro e mais uma vez a indústria cultural seria acusada de promover uma falsa compreensão do real.

O rádio teve um importante papel, sobretudo, no período da Segunda Guerra, tornando-se uma mídia para a comunicação em massa. Sem o apelo das imagens, o rádio contou, entretanto, com outras vantagens excepcionais na sua forma de comunicação: a possibilidade de entrar nas residências; estabelecer uma grade horária; criar uma relação diária e próxima com o ouvinte e ser aparentemente gratuito. Tinha também a vantagem, sobre o jornal impresso, de atingir indistintamente alfabetizados e analfabetos.

Folhetins, romances cinematográficos e radionovelas acabaram por se tornarem um universo de imagens afetivas cada vez mais presentes na vida das pessoas, introduzindo-se na vida das mesmas, substituindo as praças, as feiras, as quermesses. Nesse contexto, a cultura de massa disseminava apropriando-se de recursos comunicativos da cultura proletária: repetitividade, redundância, oralidade, humor e entretenimento.

Esse universo midiático e essa cultura começam a moldar comportamentos e a permear a vida das pessoas, numa sociedade que se torna cada vez mais heterogênea e diferenciada, em que cada cidadão depara com os limites estreitos daquilo a que tem acesso, por sua origem, classe social, idade e sexo. Esse crescente processo de diferenciação cria isolamento, incomunicabilidade e anonimato, diante dos quais a cultura midiática oferece um espaço de compartilhamento e troca. Em pouco tempo, ele se transforma no único patrimônio compartilhado. É através da mídia que o homem comum expande as fronteiras cada vez mais exíguas de seu espaço e tempo. (COSTA, 2002, p.68).

A televisão passa a monopolizar a produção cultural. Foi introduzida rapidamente no interior das casas, rompendo com o caráter indicial do cinema e da fotografia. A mídia conseguiu atingir a todos para usar isso em favor de seus interesses políticos e comerciais. O computador, a partir dos anos 1990, se firmou também, como um acessório essencial em todas as residências. E isso, sobretudo, no século XXI tem refletido numa dependência cada vez maior de aparatos tecnológicos (conectados à Internet) em todos os momentos do dia.

As pessoas, assim, passam a conviver diferentes níveis de proximidade e afastamento. Com o aumento dos círculos de relações, o homem comum vai substituindo o contato direto pelas informações recebidas de fontes cada vez mais impessoais, distantes e desconhecidas.

Dá-se a impressão de “um tempo abstrativo e subjetivo, que se submete a uma aceleração constante.” (COSTA, 2002, p.56).

Santaella (2004), fazendo um estudo sobre os tipos de leitores através de diferentes períodos histórico-sociais, distinguiu três: o leitor contemplativo, o movente e o imersivo. O processo de leitura para o contemplativo é individual, silencioso, havendo momentos de meditação e retornos ao que foi lido. Conforme a vida moderna foi se dinamizando, através do telégrafo, do telefone e dos jornais impressos, com notícias mais rápidas e abusos de imagens. Neste contexto, surgiu o leitor movente. A linguagem escrita divide lugar com outras linguagens expressas através de objetos, signos, imagens, falas, sons etc. E, finalmente, na era digital, vem à tona o leitor imersivo, um leitor mais livre, com decodificação rápida de sinais e rotas.

Salienta-se, ainda que um tipo de leitor não extingue o outro. Entretanto, a escola precisa lidar com este último tipo de leitor e, na maior parte das vezes, a busca é apenas pelo primeiro tipo, o contemplativo. Infelizmente, criou-se a imagem de aluno ideal, caracterizado como um indivíduo silencioso, passivo, encontrando-se muitas dificuldades quando se depara com alunos ativos, dinâmicos e, por vezes, impacientes com a organização escolar atual. São jovens conectados ao mundo virtual, com uma gama de informações acessadas em diversos lugares (Televisão, computadores, celulares, páginas de relacionamento etc.) e sem orientação para selecionar as que realmente possam ter algum significado para construção de conhecimentos significantes e essenciais em suas vidas.

Stenger (1993) considera o ciberespaço como o “Mundo de Oz” em que elementos reais e virtuais se interligam através de uma rede de computadores unidos pela Internet. Este mundo proporciona aos que o acessam inúmeras sensações, por exemplo, segurança, alegrias, e até mesmo, o compartilhamento de angústias pessoais e sociais.

A escola não tem aproveitado ou, pelo menos, não em todas as suas possibilidades, essa interação tão evidente entre o que os alunos acessam, sobretudo a partir da Internet, e as necessidades dos mesmos quanto a aquisição de conhecimentos. Geralmente, a medida inicial de qualquer escola é proibir o uso de aparatos tecnológicos dentro de sala de aula, o que causa um distanciamento do aluno com os objetivos do âmbito escolar. É essa atitude que vem sendo discutida ao longo deste artigo e a proposta do mesmo gira em torno do uso das tecnologias como auxiliares no processo de ensino-aprendizagem.

3. A escola no contexto tecnológico atual

A sociedade, em todos os seus contextos, mudou significativamente seus parâmetros, embasados, sobretudo, nas transformações proporcionadas pelas novas vertentes que a tecnologia tem inserido. A escola, por sua vez, não pode se limitar a ignorar a importância da abrangência dessas mudanças dentro de seu contexto.

A contemporaneidade está a exigir que a escola proponha dinâmicas pedagógicas que não se limitem à transmissão ou disponibilização de informações, inserindo nessa dinâmica as TICs, de forma a reestruturar a organização curricular fechada e as perspectivas conteudistas que vêm caracterizando-a. (BONILLA, 2009, p.35).

Sendo assim, a escola precisa fornecer um espaço para que a gama de informações gerada, sobretudo pela Internet, seja discutida a fim de gerar conhecimentos. Ainda, segundo a autora, é necessário que haja uma abertura curricular para que haja flexibilidade acerca dos conteúdos a serem estudados e da importância dos mesmos na vida do público discente.

A missão essencial da escola ainda é transmitir informações. Entretanto, os aparatos tecnológicos não podem ser desprezados, posto que, fazem parte da vida cotidiana:

Com isso, cabe à escola trabalhar as informações, ressignificando-as à luz do contexto em que está inserida, dando abertura às múltiplas possibilidades de crítica, interpretação e compreensão, de estabelecimento de relações, de uso de diferentes linguagens, tecnologias e racionalidades que estruturam o cotidiano dos sujeitos que ali interagem. (BONILLA, 2009, p.34).

Morin (2011, p.29) nos remete ao fato de que a educação deve ser amparada por interrogações acerca da possibilidade de conhecimentos e que esses questionamentos são o “oxigênio de qualquer proposta de conhecimento”. Nessa perspectiva, as práticas da observação devem estar integradas às atividades auto-observadoras, assim como as críticas às autocríticas, a fim de aprimorar e possibilitar um conhecimento complexo. Assinala, sobre isso, o autor:

Para que haja um processo de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2011, p.31).

Segundo Bonilla (2009) a democratização da escola, ou seja, a abertura de espaços para a vivência da cidadania, da participação e de alternativas ao modelo globalizante, torna evidente a necessidade de a mesma se tornar uma escola aprendente, em que ela, os alunos, os professores, a comunidade, devem permanecer em constante e ilimitado processo de aprendizagem:

Para tanto, a escola, além de inserir as tecnologias no seu contexto, necessita aprofundar a visão que tem sobre essas, sobre o próprio papel como agente educativo articulado em rede, questionar os significados instituídos e as situações novas com que se defronta, procurando respostas e modos de ação próprios, construídos coletiva e cooperativamente. (BONILLA, 2009, p.35).

Percebe-se, então, o quanto é importante deixar os velhos paradigmas de que a escola é a única detentora dos saberes. A escola deve abrir espaços para que possa aprender a lidar com tantas informações, acessíveis a todos, propondo formas de filtrá-las, de saber aproveitá-las para a construção de conhecimentos realmente significativos. Sendo assim:

Na missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, a educação do futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade. (MORIN, 2011, p.37).

Observa-se assim que, apesar da diversidade de fontes de conhecimento, é papel da escola selecionar e mais, habilitar o aluno para que também faça essa seleção, daquilo que realmente acarretará em aprendizagem. A escola não pode se desvincular das possibilidades de um mundo tecnológico, pois o aluno encontra nela o direcionamento para o desenvolvimento de um raciocínio cognitivo que refletirá na aquisição de habilidades e competências necessárias ao processo de interação com esse mundo.

4. Produção da escrita em sala de aula

Dentre as maiores discussões de professores das diversas disciplinas, uma das preponderantes é a dificuldade que os alunos têm em expor o conhecimento adquirido por meio da palavra escrita. Entretanto, os alunos nunca escreveram tanto quanto nessa era digital. O interessante é que grande parte dessa escrita não é realizada na escola e, nem ao menos, tem relação direta com ela. Seja em redes sociais, em conversas virtuais ou mesmo em blogs, a escrita dos jovens está evidente e estampada em todos os lugares da rede virtual. A esse respeito, esclarece Mata:

(...) os meios informatizados são como ambientes nos quais a mente humana encontra espaço para dialogar consigo mesma, assim como para facilitar a organização e sistematização do processo de construção do conhecimento. Os computadores são, então, meios nos quais se desenvolve o pensamento crítico e reflexivo, na forma concebida por Vigotsky. (MATA, 2002, p.08).

Os questionamentos giram, então, em torno dos porquês dessa “facilidade” em se comunicar fora da escola e da dificuldade, cada vez maior, em se produzir textos coerentes e dinâmicos em sala de aula. Uma das possibilidades de resposta a estes questionamentos é o distanciamento entre o que o aluno quer aprender e aquilo que, efetivamente, é ensinado na escola.

Obviamente, isso não requer que a escola mude a sua missão, enquanto provedora e formadora de novos conhecimentos. O que se busca é uma nova roupagem para que essa missão seja cumprida. Leituras densas e cansativas não atraem o público discente que delas pouco, ou nada, apreendem. Assim, o trabalho com uma linguagem mais dinâmica, com imagens, re-contos é uma boa alternativa para superar esse desinteresse inicial pelo conteúdo ministrado.

(...) fazer a historia de objetos técnicos, imagens, textos, sons, produtos audiovisuais, obras de arte, tomando-os por dentro de certa discursividade, estabelecendo as complexas relações entre um certo tempo, as verdades que nele se procura veicular e reafirmar, a materialidade da produção dessas verdades, as lutas em jogo e os modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes. Essa trama e que precisa ser descrita, quando nos debruçamos, por exemplo, sobre materiais midiáticos audiovisuais, em articulação com a vida de alunos e professores em suas praticas pedagógicas cotidianas. (FISCHER, 2007, p.03).

A escrita criativa, enquanto metodologia de ensino, segundo Bon (1999), não é uma solução milagrosa, mas sim reveladora das carências e das potencialidades que ainda não foram exploradas. A criatividade do aluno é, assim, desafiada à medida que, a partir da leitura de obras historicamente e socialmente consagradas, este tem a oportunidade de fazer uma releitura, colocando as suas observações pessoais, seja por meio de desenhos ou mesmo da escrita. Neste contexto:

Metodologicamente, a EC recorre à interdisciplinaridade com diversas áreas, entre as quais relevaria a Teoria da Literatura, a História da Literatura e a Linguística, apelando também a disciplinas que ajudem a posicionar o texto no contexto (História, Sociologia, etc.). Neste sentido, a EC privilegia uma abordagem inclusiva e atenta às mudanças tanto no mundo como na estética. (MANCELOS, 2007. p.14).

O uso do computador nesse processo é muito importante, visto que este instrumento oferece possibilidades ainda maiores para demonstrar a criatividade de cada um. Os efeitos promovidos por alguns programas e mesmo a possibilidade de compartilhar o trabalho realizado através de, por exemplo, blogs, faz com que o interesse dos alunos se volte para essa atividade:

Nas classes cada vez mais numerosas em que são utilizadas, nossas técnicas de escrita fundamentadas sobre a nomeação do mundo imediato permitem aos jovens que eles reencontrem a confiança, que se socializem e se apropriem de uma herança ou, melhor, de uma comunidade de herança. (BON, 1999, p.282).

Assim, essa prática de forma alguma se sobrepõe aos conhecimentos adquiridos historicamente. Pelo contrário, essa herança cultural é abarcada através de um novo contexto, fazendo ligações da mesma com as necessidades de conhecimento atuais. É importante notarmos que a experiência de escrita criativa não se limita apenas ao ensino dos conteúdos

concernentes à Língua Portuguesa e à Literatura. Essa metodologia pode ser considerada como multidisciplinar. Através dela trabalhamos fatos históricos, questões políticas, economia, diversidade cultural, gêneros textuais, leitura e interpretação e outras habilidades tão fundamentais a qualquer disciplina que priorize a formação de cidadãos conscientes da realidade em que estão inseridos e, principalmente, como construtores de novos conhecimentos.

Quanto à literatura, Silva (2011) afirma ainda que a interpretação de textos e produção de escrita criativa podem ser proporcionadas em diversas situações de aprendizagem, sejam elas presenciais ou a distância. Para isso, além de vários softwares também há os sites de relacionamento.

Para o ensino formal, os recursos digitais auxiliam na simulação de ambientes reais de aprendizagem, por exemplo, visitas a museus virtuais, laboratórios de línguas e o outros. No Ensino a Distância (EaD), os ambientes oferecem a transmissão e a aquisição de conhecimentos, viabilizando a construção coletiva através da interação dentro de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), como o Moodle, o Tel Educ e a Web AULA.

Neste contexto, Silva (2011) salienta quatro desafios impostos ao professor da escola de hoje: familiarizar-se com a linguagem digital; ter noções básicas de recursos de hipermídia para a elaboração de material didático, compreender a relação autoria-texto-recepção do utente leitor no hipertexto e em mídias digitais e; inteirar-se dos novos processos de avaliação da aprendizagem neste processo.

Obviamente, se faz necessário que os professores tenham acesso, tanto em questões financeiras quanto no que se refere ao tempo, cursos que os capacitem e/ou atualizem no que diz respeito ao uso das mídias e como aproveitá-las em sala de aula.

Os professores devem ser pesquisadores e fruidores da arte e da poesia e daí provém a importância de incentivá-los à leitura e ao estudo dos referidos assuntos, estendendo esse incentivo também aos alunos, através da utilização dos vários recursos de multimídia e os exercícios de escrita criativa. Um dos principais objetivos das grades curriculares atuais é formar indivíduos que lêem e interpretam aquilo que foi lido. Entretanto, se a escola não abrir seus olhos para os anseios dos alunos no que se refere a todo o arsenal oferecido pelas tecnologias, estará limitada quando a sua eficiência no que condiz aos seus principais objetivos rente à formação dos alunos.

5. Metodologia

A presente pesquisa abordará tanto aspectos qualitativos quanto quantitativos, à medida que fazer-se uso de leituras bibliográficas, coleta de dados (questionários aplicados a professores e alunos), observação de algumas aulas em pelo menos três escolas (a serem definidas) e estudo através de análise aprofundada dos resultados obtidos.

Outro aspecto que será utilizado como apoio metodológico é a pesquisa participativa, num segundo momento, após a análise citada acima da qual faremos o levantamento de problemas apontados tanto pelo corpo docente quanto pelo discente. Procuraremos elaborar um projeto a ser aplicado nas escolas selecionadas a fim de inserir e/ou melhorar o trabalho no que se refere ao uso de práticas de escrita criativa, enquanto recurso didático, nas aulas ministradas.

Para tal, procuraremos realizar este trabalho com a segunda fase do Ensino Fundamental em escolas públicas da cidade de Anápolis, enfocando as peculiaridades sócio-econômicas e culturais que se inserem na realidade de cada âmbito escolar.

Considerações parciais

O uso de tecnologias como aliadas do processo de ensino-aprendizagem ainda encontra muitas barreiras quando se refere ao âmbito escolar. A mentalidade predominante é de que em sala de aula, apenas as aulas expositivas, a leitura de textos didáticos e a escrita têm espaço, a fim de atingir a eficácia no que tange aos seus objetivos. A verdade é que, aquém as novas abordagens pedagógicas, o paradigma tradicional ainda é predominante.

Quando observamos nossos jovens, cada vez mais dependentes da Internet, nos deparamos com certo despreparo para recebê-los, enquanto nossos alunos. Muitas vezes, vários deveres e trabalhos para serem feitos em casa são pedidos por nós em prol de certa concorrência pelo tempo deles. Afinal, quanto mais atarefados estiverem, desde é claro, que tenha valor em questão de nota, menos tempo ficarão apreendidos à Internet e seus aparatos.

Contudo, se observarmos essa situação por outro foco, perceberemos que este tempo que eles dispõem em sites de relacionamento, jogos, blogs, também pode ser aproveitado para a aquisição de conhecimentos, desde que saibamos integrar o conteúdo a ser ministrado às necessidades de conhecimentos próprios da realidade social em que o público discente está inserido. Neste artigo foi proposta a ideia da escrita criativa, enquanto metodologia de ensino,

a fim de despertar o interesse e a criatividade do aluno, aliando as formas convencionais de ensino às possibilidades oferecidas pela era midiática.

Atualmente estamos envolvidos por uma busca incessante pelo consumo, um dos alicerces do capitalismo, de bens materiais e também intelectuais. Neste contexto, nos deparamos com grande quantidade de inovações todos os dias, com informações atualizadas em tempo real, enfim, temos a necessidade de filtrar estas informações, de termos senso crítico para diferenciarmos o que realmente precisamos daquilo que é supérfluo.

A escola, no intuito de formar cidadãos participantes e críticos para a sociedade, não deve esvair de sua responsabilidade no que se refere ao uso incontrolável e desnortado dos equipamentos que a tecnologia nos propõe (para não dizer impõe).

A escrita criativa se apresenta como uma das possibilidades para desenvolver habilidades referentes à leitura e à escrita indo além do contexto escolar. Os conteúdos a serem ministrados, independentemente da disciplina, entra em uma perspectiva interdisciplinar aderindo também, à utilização do meio sociocultural como motivador e propício à adesão de informações e, posteriormente, de conhecimentos. O interessante dessa proposta, enquanto propulsora de metodologias de ensino, é sua ampla aplicação que perpassa por qualquer tema a ser desenvolvido em sala de aula.

A criatividade está diretamente ligada à curiosidade e, conseqüentemente, à capacidade de aprender. Sendo assim, esta pesquisa busca apreender um pouco mais sobre o universo da escrita e da leitura em âmbito escolar, o seu desenvolvimento, a capacidade cognitiva dos alunos, abordar as metodologias que estão sendo utilizadas e, por fim, propor novos meios de se atingir uma aprendizagem que seja significativa e contextualizada com a realidade da qual os alunos pertencem. Ressalta-se que, esta proposta não se restringe apenas ao aproveitamento do conhecimento prévio do aluno, mas sim, a valorização do mesmo por meio de múltiplas abordagens que permitirão ampliar o conhecimento e também a abordar as informações como propulsoras de estudo e pesquisa e não, como verdades absolutas.

Referências

BON, Francis. Transmitir a literatura: reflexões a partir das práticas de escrita criativa. In: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 588 p. p. 278-299.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.23-40.

COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: SENAC, 2002. 132p.

FISCHER, R.M.B. Midia, máquinas de imagens e praticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago, 2007.

MATTA, A.E.R. Projetos de autoria hipermídia em rede: ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de Historia. In: **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCACÃO**. Caxambu: ANPEd, 2002. p.95-118.

MANCELOS, João de. “Um Pórtico para a Escrita Criativa”. **Pontes & Vírgulas: Revista Municipal de Cultura**. v.05, Ano 2, p. 14-15, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2011.

NIZO, Renata Di. **Escrita Criativa: O prazer da Linguagem**. São Paulo: Summus. 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus. 2004. 192 p.

SILVA, Débora. Poesia eletrônica e escrita criativa: ensino de literatura em hipermédia. In: SIQUEIRA, E.M.L. et.al (orgs). **Vivências poéticas, experiências de leitura**. Goiânia: UFG/Redepesqpoe/Vieira, pp.25-37, 2011. (Caderno Didático de Leitura de Poesia, v.2).

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed. 2009.